

Hoje Vivemos o Medo

ARTHUR JOSÉ ALMEIDA DINIZ

Professor da Faculdade de Direito da UFMG

«Le naturel est donc aujourd'hui ce qu'il fut toujours» (BERGSON, H. **Les deux sources de la morale et de la religion.**

Sentimos hoje, a nostalgia do natural. Pensamos este como que se contrapondo ao «tecnológico», ao «elaborado». E isto é uma armadilha sutil. A função da ciência é a de transformar a natureza, não de criar. Enquanto seres humanos, conseqüentemente imperfeitos, em evolução constante, é-nos facultado combinar a matéria. Um sábio contemporâneo, H.B.S. Haldane consegue aclarar um pouco a fantasia em torno do natural, da Natureza. Pergunta ele se esta «é qualquer coisa de sagrado, que se deve conservar a todo preço». Para o sábio a resposta é negativa. Porque a natureza não se conserva a si própria. E oferece o exemplo de glaciações que já destruíram «por quatro vezes» as imensas florestas da Europa e da América do Norte.

Pensamos o Homem como distinto, separado da natureza. Isto constitui outra fantasia. Fazemos parte da Natureza que é o «princípio de vida e de movimento de todas as coisas existentes».¹

Para Bergson o natural é hoje o que sempre foi. Refletir sobre o natural significa ter a liberdade de se examinar tudo. Examinar mesmo as manifestações da vida jurídica e política

1. ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia.** São Paulo, Mestre Jou, 1970. Verbetes NATUREZA.

consideradas estas sob uma perspectiva histórica. Vão nos fornecer a eterna novidade da Justiça, uma velhíssima ordem nova. O natural, expresso no agir humano, deve ser contemplado em miríades de contrastes, confrontos, solicitações, condições, injunções e necessidades etc. O agir humano poderá ser estudado sob a perspectiva de sua atividade jurídica, pois o direito surge da necessidade de convivência. Hoje, tememos a convivência. Hoje vivemos o medo. A estrutura brutal da sociedade internacional desencadeou, no seio de cada um de seus componentes, desequilíbrios estruturais motivados pela vivência de princípios dementados de ação política. A história política do ocidente é a história da teoria pura do poder. Tornou-se global pelo escândalo da aventura colonial, cujos efeitos catastróficos tentaremos analisar. Mas, mesmo tentando delinear uma crise que poderia ser descrita como apocalíptica, somos habitados pela Esperança. Move-mo-nos motivados pela incorrigível Esperança. Como Bergson, também não acreditamos na fatalidade da história. Para ele, «longtemps il avait été entendu qu'industrialisme et machinisme feraient le bonheur du genre humain».²

Mas hoje, nos diz o filósofo, a humanidade geme esmagada pelo peso do progresso que realizou. Mas geme muito mais sob o peso da destinação maléfica que imprimiu ao progresso. Pois Bergson, na conclusão de sua obra, **«As duas fontes da religião e da moral»** vai nos propor, com acerto, que não existe uma exigência científica impondo aos homens necessidades cada vez mais artificiais. A ciência oferece o que se lhe pede. Foi o espírito de invenção que nem sempre exerceu no melhor sentido ao interesse da humanidade. Bergson termina sua obra com uma pergunta feliz: se a humanidade possibilitaria ao homem seguir o seu destino divino: (A elle de se demander ensuite si elle veut vivre seulement, ou fournir en outre l'effort nécessaire pour que s'accomplisse, jusque sur notre planète refractaire, la fonction essentielle de l'univers, qui est une machine à faire des dieux».³

2. BERGSON, Henri. **Les deux sources de la morale et de la religion.** Paris, P.U.F., 1958 *passim*.

3. BERGSON, Henri. *op. cit.*, p. 338.

Mas vivemos uma crise global em virtude da ação global de uma economia que se tornou planetária e é o resultado de quatro séculos de atividades predatórias.

Ao longo desses quatro séculos houve vozes lúcidas que condenaram a aventura colonial. A obra de Eduardo Galeano, «As veias abertas da América Latina» é a epítome insuperável da catástrofe vivida pela América Latina durante a aventura colonial que se prolonga até nossos dias. Sente-se na obra de Nietzsche a percepção dos rumos catastróficos de uma prosperidade europeia construída sobre a rapina de quatro continentes: «a democratização da Europa culminará na criação de um tipo preparado para a ESCRAVIDÃO... o homem forte tornar-se-á necessariamente mais forte e mais rico como nunca o foi até o presente... a democratização na Europa (é) ao mesmo tempo uma preparação involuntária ao nascimento de tiranos... o espírito geral dos europeus do futuro será provavelmente o de operários tagarelas, pobres de vontade e bem adestrados que possuem NECESSIDADE do senhor e do chefe como do pão quotidiano».⁴

A submissão terrível ao regime nazista e a passividade total ante o extermínio programado do povo judeu ainda constituem um enigma e uma ameaça. Os germes nazistas infiltrados no próprio Estado de Israel ameaçam-no de extinção, tanto do interior, pelas dissensões irreconciliáveis, quando pelo exterior, O povo judeu corre o risco de uma nova diáspora.

A intuição das perseguições e das torturas nos campos de concentração foi também presentida por Papus, o grande médico francês estudioso da cultura venerável da Índia: «quando os campos de concentração florescerem na Europa, talvez, começaremos a compreender que uma Nação criada para ser o amparo dos pobres oprimidos não deve calcular como um agiota. Mas será muito tarde».⁵

4. NIETZSCHE, F. *Par delà le bien et le mal*. Trad. franc. de Henri Albert. Paris, Mercure de France, 1948. p. 242.

5. PAPUS, Dr. Gérard Encausse. A propos de la Martinique. *L'Initiation*. Paris, 55(9), junho 1902.

Os campos de concentração eram denominados pelos nazistas de «locais de trabalho». O campo de extermínio de Auschwitz possui no portão de entrada uma frase colocada com ironia feroz: «O trabalho liberta» (Arbeit macht frei).⁶

Possuímos a nostalgia do natural porque nossa história moderna continua sendo a ruptura com uma noção humana de «natural» e acordou-nos para um pesadelo que é a realidade do Estado como a projeção monstruosa dos desejos desenfreados de uma classe no poder. O Estado «é o mais frio de todos os monstros frios» como antecipou Nietzsche em sua filosofia para nossos dias. Nietzsche ainda denuncia ser este «monstro frio... frio mesmo quando mente; e eis que a mentira rasteira surge da sua boca:

«Eu, o Estado sou o Povo.

É Mentira! Os que criaram os povos e incutiram neles a fé e amor, esse eram criadores; serviam a vida.

Os que preparam laços ao maior número e chamam a isso Estado são destruidores; suspendem sobre si uma espada e mil apetites.

Onde há ainda povo não se compreende o Estado que é detestado como uma transgressão aos costumes e às leis...

Porém o Estado mente em todas as línguas do bem e do mal, e em quanto diz mente, tudo quanto tem usurpou-o.

Tudo nele é falso; morde com dentes furtados. Até as suas entranhas são falsas.

6. Não foi «por acaso» a imigração de inúmeros carrascos nazistas para a América Latina ao final da guerra. Fazem parte de um processo, de *d'une guerre inachevée*. Tal é o título de série de reportagens de Ignácio Elich publicadas pelo «Monde Diplomatique» de julho e agosto de 1983. As afinidades capitalismo-nazismo são muito estreitas. Ignácio Elich vai além: para ele, até mesmo os «grandes vencedores» Estados Unidos e Grã-Bretanha fecharam os olhos sobre a presença e pistas que levariam até aos nazistas fugidos da Alemanha. A repressão se utilizaria enormemente do «know-how» nazista. A advertência de Karl Jaspers sobre a contaminação nazista é uma realidade e os temores de Toynbee de uma «nazificação» do governo norte-americano não são tão exagerados assim.

Realmente, o que este sinal indica é a vontade da morte; está chamando os apregoadores da morte.

...

A vós outros deseja ele dar tudo, se o adorardes. Assim compra o brilho da vossa equidade e o vosso altivo olhar. Convosco quer atrair os superfluos! Sim; descobriu com isso um ardil infernal. Um corcel de morte, ataviado com adorno brilhante das honras divinas. Inventou para o grande número uma morte que se jacta de ser vida, uma servidão à medida do desejo de todos os apregoadores da morte.

Vede, pois, esses dispensáveis! Surrupiam as obras dos inventores e os tesouros dos sábios; chamam a civilização para o seu latrocínio, e tudo para eles são enfermidades e contratempo...

Todos desejam apoderar-se do trono; é a sua loucura como se a felicidade estivesse no trono! — Frequentemente também o trono está no lamaçal».⁷

O julgamento de Karl Jaspers sobre a aventura colonial européia é um comentário profundo aos excertos proféticos de Nietzsche: «Tal colonização anunciou-se numa era de horror para todos os povos da terra. O espírito de ganância, desregramento e tirania tornou-se geral... estava-se em paz na Europa, mas, no exterior, lutavam as potências uma guerra infernal, sem começo ou fim, muitas vezes na clandestinidade e de tal modo na obscuridade que nenhuma notícia chegava até a Europa... Mais tarde, os não europeus tornaram-se objetos de pesquisa».⁸

Muito mais que econômica, nossa crise atual corresponde à vivência de um maquiavelismo político que se iniciou com a aventura colonial. Possuimos a tendência irresistível a aceitar que tudo «foi sempre assim», o que é um engano. Nossa tarefa mais urgente é a de tentar divisar nos «sinais dos tempos» a conval-

7. NIETZSCHE, F. **Assim falava Zaratustra**. Trad. Eduardo Nunes Fonseca. São Paulo, Hemus, 1979. p. 38-9.

8. JASPERS, Karl. The end of Colonialism. In: ECKSTEIN & APTER ed. **Comparative Politics**. New York, Free Press, 1966. p. 605.

cença à vista. BERDIAEFF se propõe a essa busca ansiosa. Ao nos descrever «Uma nova idade média» vai ele situar com clareza a crise por que passamos: «Ainda está por explicar-se esta crise da civilização européia, iniciada de há muito por diferentes faces e que hoje atinge o apogeu de sua manifestação. A história moderna que termina foi concebida na época do Renascimento. **Nós assistimos ao fim do renascimento...** A individualidade do homem que começava a sublevar-se na época do Renascimento subsistia ainda nas unidades espirituais orgânicas e delas se nutria... Por isso mesmo, o fim do Renascimento é o fim de toda uma era histórica — de toda a história contemporânea — e não apenas a extinção de tais ou tais formas criadoras».⁹

Vivemos o crepúsculo de uma época. Assistimos à vigília de armas à espera de grandes revoluções estruturais em todos os domínios. Será necessário «saber porque antes de se perguntar como»¹⁰ vivemos o fim do ciclo que se iniciou com as grandes navegações. A vivência plena da filosofia mercantilista, por efeito do fenômeno da colonização, atingiu nível planetário. Entretanto, este «crepúsculo» de uma era pode ainda durar muito. As relações políticas e econômicas entre o mundo desenvolvido e o mundo sub-desenvolvido, constituído esse pelas antigas colônias européias, caracterizam-se por flexibilidade extrema. O fenômeno de dominação está como que impresso no subconsciente dos dominados como o demonstrou Frantz Fanon. Ao tentarmos o estabelecimento de uma análise crítica das instituições somos defrontados por uma dificuldade quase que insuperável: como criticar aquilo que para nós é expressão de progresso e de justiça? Como duvidar de uma estrutura jurídica em que nosso próprio país se apoia? Como poder refutar um corpo de normas consagradas em inúmeros tratados se aí se insere a expressão econômica nacional? Para nos valermos da análise de Frantz Fanon, torna-se difícil para nós, dominados, eliminarmos o fantasma do opressor

9. BERDIAEFF, N. **Uma nova Idade Média**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1936. p. 9-10.

10. BEDJAQUI, M. **Pour un nouvel ordre économique international**. Paris, UNESCO, 1980.

que se instalou em nosso universo íntimo. Para se conseguir uma crítica objetiva e proposta jurídica equânime, será necessário um duplo esforço. Inicialmente, nossos internacionalistas devem compreender a realidade de uma ordem internacional iníqua. Esta se baseia na tradição de tratados leoninos, datando do século XV.¹¹

O outro esforço será bem maior. Significa ver, interpretar o nosso presente histórico, ressaltando os mecanismos da conquista colonial, disfarçados em uma ordem jurídica internacional, «livremente» aceita pelas Nações subdesenvolvidas. Tal dificuldade vem tolhendo a maioria dos países do Terceiro Mundo em repudiar com clareza o absurdo da ordem econômica internacional contemporânea.¹²

11. Não só tratados, mas de uma estrutura colonial destinada a esquarterar os domínios ultramarinos dos europeus. O prof. Osório da Rocha Diniz, numa obra lúcida, assim se exprime: «Não houve passado comum entre as partes do Brasil. A chamada história do Brasil é uma reunião de capítulos heterogêneos, referentes à História de cada um dos grupos sociais no território brasileiro. Esses grupos humanos se iam evoluindo pelas páginas da História com eventos completamente estranhos uns aos outros. Cada um dos grupos humanos, isolados na possessão portuguesa, foi tendo a sua História, com as suas epopéias, os seus sofrimentos, as suas convulsões, os seus heróis... Os portugueses sabiamente haviam erigido um sistema de governança, que impediu a ligação entre estas partes. Daí o regime das capitanias... A conquista do vale amazônico é um fato absolutamente estranho ao resto do país, que chega mesmo a ignorar como ela se processou. Os eventos maranhenses, como a revolta de Beckman, a ação do Pe. Vieira, etc... são coisas completamente desarticuladas do resto do país e chegam a ser tão esquisitas ao sulino, p. ex. como as campanhas de libertação do Sucre, ou de Bolívar... o são aos maranhenses». (DINIZ, Osório da Rocha. **A Política que convém ao Brasil**. São Paulo, Ed. Nacional, 1937 (Col. Brasileira, v. 96).

12. Por efeito dessa impossibilidade de se fazer uma «frente ampla», a VI reunião da Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento «terminou em decepção», como notícia **Le Monde**, seleção hebdomadária, n. 1810, p. 5. Não obstante o número elevado de participantes, dois mil, representando cento e quarenta e oito países, os resultados foram nulos, ou quase nulos. E os produtos farmacêuticos na berlinda, não interessando sua maior divulgação nos países subdesenvolvidos (sua tecnologia, é claro) «porque a Organização Mundial de Saúde já está

Mas os obstáculos são de natureza exterior (a repressão em escala planetária) e de ordem interior, de fôro íntimo, verdadeiro bloqueio psicológico. Há uma sociologia da opressão a ser estudada. Em páginas memoráveis de lucidez histórica, nosso grande pedagogo Paulo Freire examina o problema existencial da opressão. E nos fala das inúmeras dificuldades encontradas para uma libertação. «Uma destas é a **dualidade existencial dos oprimidos** (grifo meu) que ‘hospedando’ o opressor cuja ‘sombra’ eles ‘introjetam’, são eles e ao mesmo tempo são o outro... Na ‘imersão’ em que se encontram, não podem os oprimidos divisar, claramente, a ‘ordem’ que serve aos opressores que, de certa forma, ‘vivem neles’. Ordem que, frustrando-se do seu atuar, muitas vezes os leva a exercer um tipo de violência horizontal com que agridem os próprios companheiros... Há, por outro lado, em certo momento da experiência existencial dos oprimidos, uma irresistível atração pelo opressor. Pelos seus padrões de vida. Participar destes padrões constitui uma incontida aspiração. Isso se verifica, sobretudo, nos oprimidos de ‘classe média’, cujo anseio é serem iguais ao ‘homem ilustre’ da chamada classe ‘superior’.¹³ **Nova et vetera:** por efeito de uma tradição jurídica que data dos tempos da vivência do Direito Romano, a recepção deste direito indicava uma ‘promoção’ em termos de cultura. Roma, por seus intelectuais, confessava com orgulho ter sido conquistada pela Grécia, espiritual e intelectualmente, após tê-la conquistado pelas armas. Hoje, na ‘Provence’ ou em Bordéus, na França, há o orgulho tradicional em se confessar descendente de longínquos legionários romanos. Hoje, também, temos orgulho de que nossas instituições jurídicas reflitam uma realidade jurídica trazida pelos conquistadores europeus.

Existe um aspecto jurídico-sociológico na maioria das ordens jurídicas dos países do Terceiro Mundo digno de nota. Por melhor adaptadas que estejam suas instituições constitucionais, administrativas, penais, comerciais, etc., impostas ou copiadas das

encarregada do assunto»: linguagem procrastinante e típica do monólogo do conquistador.

13. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, p. 53.

metrópoles européias, seu nível de efetividade social ainda não ultrapassou o século XVIII.¹⁴

Para muitos, senão todos, os Estados do Terceiro Mundo (com raríssimas exceções, se houver), a vivência dos ideais da Revolução Francesa ainda constitui um projeto longínquo. Para Joseph Comblin, «os trabalhadores não receberam as vantagens da Revolução Francesa. Longe de terem sido libertados pelo movimento liberal, foram, muito ao contrário, oferecidos à livre disposição da burguesia que se lançará na obra gigantesca da industrialização. A indústria liberou a burguesia mas mergulhou o povo numa nova escravidão que não era em nada melhor do que o velho feudalismo».¹⁵ Consequentemente, temos que a hierarquia social desses países pode ser descrita como esclerosada e arcaizante. Todos os benefícios da civilização tecnológica dos países industrializados (que passaram por revoluções estruturais) são aproveitados, no Terceiro Mundo, por uma camada insignificante da população porém decisiva, em termos de poder aquisitivo.¹⁶

14. Uma análise cuidadosa nos levaria *ad infinitum*. O Professor Orlando de Carvalho, da Universidade Federal de Minas Gerais, em uma conferência pronunciada na Universidade de Vanderbilt, nos Estados Unidos, colocou de modo «arquitetônico» nosso comprometimento social, cultural e político com o século XVIII. Para o ilustre mestre, «Brasília é uma cidade do século XVIII». Ante o espanto dos espectadores, sua descrição do plano arquitetônico não deixou margem a quaisquer dúvidas. Como epítome descreveu a «Praça dos Três Poderes», onde está gravada em belíssimos projetos de Niemeyer toda a concepção constitucional de Montesquieu!

15. COMBLIN, Joseph. *Théologie de la révolution*. Paris, Ed. Universitaires, 1970. p. 138.

16. Durante as erupções e terremotos ocorridos na Indonésia, há alguns anos atrás, o governo teve o desprate de pedir que as ajudas de alimentos, medicamentos, etc. fossem mandadas «em cheques» ou em dólares». As somas auferidas pela Máfia nos terremotos da Sicília das verbas destinadas a reconstrução das casas são imensas. «Chez nous», as verbas faraônicas para os flagelados do Nordeste são tradicionalmente embolsadas pela máfia política local. Na Tailândia, o «triângulo de ouro», centro de plantação de heroína, rende milhões de dólares mensais.

O dilema continua. Da tribuna da Organização das Nações Unidas os diplomatas do Terceiro Mundo trovejam a necessidade de mudança substanciais no contexto da economia internacional. Mas vistos de perto, quem são estes diplomatas? Herdeiros de fortunas colossais, políticos influentes, senhores de verdadeiros mini-Estados rurais. Jean Ziegler denuncia essa atitude contraditória: «Em Paris, em New York, em Genebra os homens da noite (os oprimidos) sofrem assim seu último ultraje. Seus gritos, suas esperanças, seus protestos são assumidos por aqueles mesmos que, em seus países, os assassinam: Insuportável perversão da linguagem:... um dos principais porta-vozes do grupo dos 77... grande latifundiário, milionário e distinto colecionador de estatuetas de jade, faze-se aplaudir por suas célebres «cóleras», seus «ataques temerários» contra o imperialismo dos Estados Unidos da América! O **problema da não representatividade** daqueles que reivindicam, face aos dominadores imperialistas, o direito de falar em **nome dos dominados** é uma das **preocupações principais**», tanto de Ziegler quanto nossa (grifos acrescentados).¹⁷

Numa análise nacional, o depoimento da CNBB é claro a respeito da verdadeira estrutura social brasileira, entre muitas outras do Terceiro Mundo:

«A sociedade brasileira de hoje, em termos reais e pelo essencial de sua estrutura, não se afastou muito da sociedade escravocrata de onde nasceu... Existe, de um lado, os senhores do maquinário cercados pela constelação de gerentes tecnocratas, e do outro, a imensa maioria anônima ao serviço da máquina. Os senhores têm acesso aos bens e serviços cuja utilização varia entre a mais agradável e a mais escandalosa. Os servos subsistem, isto é, têm acesso aos bens e aos serviços indispensáveis para assegurar sua sobrevivência e sua reprodução, sem o que o sistema morreria de asfixia... A organização da sociedade está centrada sobre a satisfação dos interesses dos senhores. É em nome desses interesses que os servos produzem milhares de auto-

17. ZIEGLER, Jean. *Main basse sur l'Afrique*. Paris Seuil, 1978. p. 266.

móveis nos quais estes servos jamais se transportarão, constroem milhares de apartamentos em que jamais habitarão, fazem surgir da terra aeroportos que jamais se utilizarão».¹⁸

No entanto, nossos diplomatas constituem uma elite em termos de eficiência internacional. Nossa diplomacia constitui-se em verdadeira tradição.

Esse dilema faz parte de um todo extremamente complexo. De certo modo, a velha concepção tradicional de uma ordem interna desligada da ordem internacional (o dualismo dos internacionalistas clássicos, Triepel, Anzilotti) é em parte a fonte de muitos males. Mas a fonte do problema reside na viciação de séculos de colonização. Karl Jaspers percebeu com clareza a atitude esquizofrênica da política européia. Essas, ainda recentemente, ainda no século XIX, usufruíam de uma prosperidade interna crescente e invejável. Por uma ficção político-jurídica seus juristas se julgavam no ápice do desenvolvimento científico e cultural. Daí as tentativas de codificação do direito internacional, os tratados sobre a neutralidade, e o orgulho de uma doutrina 'clássica' do direito internacional, consubstanciando os princípios gerais do direito... das nações civilizadas. No mundo exterior, isto é, nas colônias, no universo ultramarino, vivia-se o horror das guerras coloniais, espalhando a fome e a destruição. Os horrores perpetrados pelos poderes coloniais na África desafiam qualquer descrição. Roger Garaudy, ao propor um diálogo de civilizações, relata as atrocidades cometidas, ainda no século XIX, em prenúncio sinistro dos extermínios nazistas.¹⁹

18. CNBB. Contribuição à elaboração de uma política social. Agosto 1979 apud DUMONT, René, MOTTIN, M.F. **Le mal développement en Amérique Latine**. Paris, Seuil, 1981. p. 190.

19. «Num só ano, em três lugares diferentes, três coronéis franceses, Cavaignac, Pélistire e Saint-Arnaud, fizeram desaparecer três tribos inteiras (homens, mulheres e crianças) que, estando refugiados em grutas, foram queimadas e asfixiadas vivas... As orelhas indígenas valeram por muito tempo ainda 10 francos o par, e suas mulheres continuaram a ser ótimo objeto de caça». (GARAUDY, Roger. **O Ocidente é um acidente**. Rio de

Mas apesar das atitudes contraditórias dos próprios líderes no Terceiro Mundo, há uma tomada gradual de consciência. Vivemos uma hora de grandes mudanças. O processo de consciência dessa dominação mutilante está apenas se iniciando. E as contradições vividas pelas nações do Terceiro Mundo tornam-se mais agudas por serem divulgadas, discutidas, denunciadas, debatidas. Jean Ziegler situa bem o processo da descolonização: «dezenas de milhares de soldados hindus, africanos, ghurka, árabes, morreram para a liberdade da França, da Inglaterra, da Bélgica. Atravessaram o Reno e contribuíram de modo decisivo para o esmagamento de uma das mais formidáveis máquinas militares que o mundo jamais conheceu. Estes vencedores árabes, africanos e hindus, bruscamente, tomaram consciência de sua força».²⁰

No bôjo desse processo planetário de descolonização há uma história secreta. Ela pode ser descrita como o martirólogo de milhões de negros anônimos que morreram supliciados, suplício que durou gerações. Ziegler nos propõe uma análise inquietante. Para o ilustre pensador suíço estas vítimas compõem o inconsciente coletivo da África contemporânea. E sua realidade é deprimente:

«o dominador branco destroi o escravo até em sua identidade mais íntima. Rouba-lhe tudo, até mesmo o rosto. Pilha até a imagem da face refletida no espelho. A ideologia do colonizador postula a desigualdade ontológica entre os homens. Impõe um mundo onde a dupla do escravo e senhor destina-se à eternidade... A África do Sul é governada desde 1948 por uma minoria branca de origem afrikaner. Esta sociedade afrikaner, nascida da imigração, é assombrada

Janeiro, Salamandra, 1978. p. 42. Um fato ilustrativo indica a continuidade da atitude de recusa por parte da metrópole em aceitar sua atitude alienada. O livro de Roger Garaudy não foi aceito por nenhuma editora francesa por causa do seu título: *O ocidente é um acidente*. Foi mudado para «*Pour un dialogue des civilisations*», cujos termos os povos do Terceiro Mundo conhecem à saciedade.

20. ZIEGLER, Jean. *Main basse sur l'Afrique*. Paris, Seuil, 1978. p. 72.

por uma dupla visão apocalíptica: como toda sociedade escravista, vive no temor quase patológico daqueles, cuja existência é negada por essa mesma sociedade». «O ódio, o medo do homem negro — entretanto reduzido a nada no plano político e social — dominam toda a vida imaginária e simbólica do Afrikaners... Para lutar contra este duplo pesadelo, os Afrikaners reagiram... a partir de 1948, o sistema mais fantástico de discriminação política, econômica, social, sexual que a humanidade jamais conheceu».²¹

O regime monstruoso da África do Sul é um avantesma da escravidão. Pior ainda, a negação do homem negro pelo Afrikaner era desconhecida entre nós, mesmo durante os piores dias da escravidão. Pois a influência dos escravos, entre nós, converte-se na presença poderosa da cultura africana na alma brasileira e no maior orgulho da civilização americana que é o seu 'jazz'.

Hoje ironicamente, em Israel, onde a sensibilidade à presença maléfica do racismo em qualquer país do mundo deveria provocar um repúdio coletivo e colossal, vem, há muito tempo, armando os afrikaners contra negros. Infeliz exemplo, o de Israel, onde a figura do Estado é uma estrutura despótica que serve aos interesses de grupos que transcendem os interesses nacionais. Como muitos Estados, ou melhor, como o Estado moderno, Israel deixou de representar um consenso nacional para se tornar um sistema repressivo e uma unidade comercial. Simples unidade comercial no vasto jogo de interesses de transnacionais.

Lamentavelmente, os rumos tomados pelos movimentos de descolonização tendem a significar um reequilíbrio do vasto sistema colonial planetário. Ziegler chega a classificar as independências africanas de «fictícias». O caso presente do Tchad é um exemplo característico. O ponto nevrálgico sendo a luta pela supremacia da África Central entre muçulmanos (a Líbia de Ghadafi é apenas parte de um todo mais complexo) e o colonialismo europeu (leia-se americanos e os «socialistas» franceses).

21. ZIEGLER, Jean. op. cit., p. 154-5.

Como pano de fundo de todos os conflitos, sua mola propulsora é a recusa das metrópoles tradicionais do colonialismo em aceitarem uma ordem econômica internacional que se adapte à nova realidade. Como situar esta nova realidade? A correção de um rumo errado que se inicia no século XV e que possui uma ideologia nociva, a ideologia mercantilista, a busca do lucro como justificativa do agir humano.